

O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana - Número Dezoito

Jeff Pippenger

2025-12-25

Número dezoito

Estamos considerando a aliança de Abrão e ainda não abordamos o elemento da profecia de Abrão que tem ligação direta com os versículos iniciais do livro de Joel. A profecia de 400 anos de servidão de Abrão, junto com os 430 anos de Paulo, produz a estrutura profética que se alinha com os 1290 anos de Daniel 12:11. A profecia de 1290 anos do versículo onze é o período profético ômega da linha de 430 anos de Abrão e Paulo. Essa verdade é um elemento do que é desselado nos últimos dias que separa os sábios dos ímpios.

Associada à profecia ômega de 430 anos estava o símbolo de "quatro gerações", identificando um período de tempo probatório para a nação que manteve o povo escolhido de Deus em cativo. Para Moisés, foi o Egito; para os cento e quarenta e quatro mil, que cantam o cântico de Moisés, é a história dos Estados Unidos de 1798 até a lei dominical. Os Estados Unidos, representados como a "besta da terra" em Apocalipse treze, começam como um cordeiro e terminam falando como um dragão. José, um símbolo do Cordeiro, representa o período de relativa paz no Egito, até que surgiu um novo Faraó e começou o cativo. Assim, os Estados Unidos são a nação que é julgada na quarta geração, o que, para Moisés, foi o Egito. O remanescente é julgado na lei dominical, como tipificado pelas pragas que culminaram, para os hebreus, com sangue nos umbrais de suas portas e, posteriormente, com a nação do Egito no Mar Vermelho. José e Moisés representam um bom Faraó e um mau Faraó, o que, para os Estados Unidos, é primeiro o cordeiro e depois o dragão.

A profecia de Abrão sobre o juízo na quarta geração incluía o fato de que o fechamento do tempo de prova é progressivo, pois, no cumprimento da profecia de Abrão por Moisés, não apenas se fechou o tempo de prova para o Egito, mas ainda havia tempo para os amorreus encherem a sua medida de tempo de prova — depois que o Egito havia enchido a sua. O Mar Vermelho para o Egito foi a lei dominical para os Estados Unidos, e então “todos os outros países do globo” “seguirão o exemplo” dos Estados Unidos, como representado pelos amorreus após o fechamento do tempo de prova do Egito.

Os Amorreus são uma das dez tribos que, na aliança de Abrão, delimitam o mundo desde o rio do Egito até o rio da Babilônia e, portanto, os Amorreus representam as nações do mundo, que encerram o seu tempo de graça individual como nações, após a lei dominical nos Estados Unidos. Os Amorreus são o símbolo bíblico do fechamento do juízo sobre o mundo, e isso acontece na terceira e na quarta geração. O Mar Vermelho é o símbolo do fechamento do tempo de graça para os Estados Unidos, e os Amorreus representam as nações que vão progressivamente encerrando o seu tempo de graça até que se feche o tempo de graça humano. Portanto, os Amorreus são um símbolo do período da crise da lei dominical no Mar Vermelho até o livramento pelo vento oriental, quando o caminho de livramento é aberto ao povo de Deus.

Mas a profecia de Abrão não apenas aborda a quarta geração considerando os Estados Unidos como Egito e o mundo como os Amorreus; mais importante, situa a geração do povo de Deus que atravessa o Mar Vermelho como uma "quarta geração". Ao desenterrarmos, o que conseguirmos desenterrar, da compreensão de "quatro gerações" no primeiro de três passos de Abrão, consideraremos os segundo e terceiro passos da aliança de Abraão. O segundo passo é o capítulo dezessete, e o terceiro passo é, claro, o capítulo vinte e dois.

No capítulo doze de Daniel, três períodos proféticos são identificados, e todos eles representam o tempo profético que cessou em 1844. Esses três períodos são deslacrados nos últimos dias, e representam o aumento do conhecimento que sobrevém ao povo de Deus nos últimos dias. Cristo, como o homem vestido de linho, apresenta o primeiro dos três períodos proféticos no versículo sete e, ao fazê-lo, Ele se alinha com o anjo de Apocalipse dez, que não está de pé sobre a água, mas sobre a terra e o mar.

E o anjo que vi estar em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão ao céu, e jurou por aquele que vive para todo o sempre, que criou o céu, e as coisas que nele há, e a terra, e as coisas que nela há, e o mar, e as coisas que nele há, que não haveria mais demora. Apocalipse 10:5, 6.

No versículo sete do capítulo doze, o homem vestido de linho também jura por Aquele que vive para sempre.

E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a sua mão direita e a sua mão esquerda ao céu, e jurou por aquele que vive para sempre que será por um tempo, tempos e metade de um tempo; e, quando tiver acabado de dispersar a força do povo santo, todas estas coisas se cumprirão. Daniel 12:7.

Somos informados pela inspiração de que a mesma linha de profecia presente no livro de Daniel é retomada no livro do Apocalipse, e a compreensão milerita é que essas duas descrições são passagens paralelas sobre Cristo. Cristo como o Anjo com o livrinho, identificando, no livro do Apocalipse, o fim da aplicação do tempo profético em 1844; e Cristo como o Homem vestido de linho, no livro de Daniel, identificando que, quando chegar a lei dominical nos Estados Unidos, todas as maravilhas da visão final de Daniel se concluiriam. Dentro dessa história sagrada, que precede e culmina na lei dominical, o povo de Deus seria disperso por um período representado pelo símbolo de 1260. O período de dispersão que precede a lei dominical é apresentado em Apocalipse capítulo onze, onde Moisés e Elias são mortos e ficam mortos na rua por três dias e meio, o que é um símbolo de 1260.

No versículo sete, o homem vestido de linho declara que, quando se completar, após três dias e meio, o espalhamento do poder do povo santo, as "maravilhas" que sobrevierem ao povo de Deus dos últimos dias se encerrarão. Encerramos o último artigo com o comentário da irmã White sobre o capítulo três de Zacarias. A primeira frase afirmava: "A visão de Zacarias de Josué e do Anjo aplica-se com peculiar força à experiência do povo de Deus nas cenas finais do grande dia da expiação." No capítulo, e no comentário inspirado da irmã White sobre o capítulo, os cento e quarenta e quatro mil são os "homens portentosos". As "maravilhas" da última visão de Daniel,

que se completam com a lei dominical, são as “maravilhas” associadas ao selamento do povo de Deus.

O capítulo doze de Daniel proporciona a luz que sela os cento e quarenta e quatro mil nos últimos dias. Essa luz é representada por três períodos proféticos, todos eles identificados e estabelecidos como verdade na história milenar. Os três períodos são apresentados em três versículos e são três pilares que sustentam a estrutura da verdade. A estrutura da verdade é sustentada por um processo em três etapas. Esse processo de três etapas é representado, na passagem de nove versículos (4–12), pelos três versículos que apresentam o tempo profético. Esses três períodos proféticos, quando abordados a partir da compreensão milenar fundamental, produzem três períodos simbólicos que são definidos em conformidade com a compreensão milenar, mas não aplicam o elemento do tempo.

Os três períodos estão localizados no próprio trecho das Escrituras que define 'o processo de a profecia ser selada — e depois desselada', incluindo a clássica descrição bíblica de um processo tríplice de provação. Os nove versículos que começam com Daniel sendo instruído a selar o seu livro são precisamente os versículos em que os três períodos são apresentados e, nesses nove versículos, o processo de purificação que se realiza quando a verdade é desselada é expresso como "purificados, embranquecidos e provados." Os três períodos nos três versículos são o aumento do conhecimento, o tempo do fim e os últimos dias, que representam o processo final de prova e de selamento do povo da aliança de Deus. É nessa história que são expostas as "maravilhas" simbólicas que sobrevêm ao povo de Deus nos últimos dias. Por favor, leia este parágrafo novamente.

Os três períodos, nos três versículos da passagem de nove versículos, representam o clímax do livro de Daniel, e o clímax ali representado é o clímax da linha profética interna; é a história de como uma rocha é "cortada" de uma montanha, sem mãos, que é a história do remanescente. Essa linha interna é representada nos capítulos dez e doze, e o clímax da linha profética externa está nos versículos finais do capítulo onze e nos primeiros versículos de Daniel doze.

Esses três períodos são também o clímax das visões do testemunho dos rios Ulai e Hidéquel, e os três versículos incluem um período profético que representa o cumprimento culminante da profecia de tempo da aliança, que apresenta tanto Abrão quanto Paulo como testemunhas. Jesus, como o Homem vestido de linho, está no versículo sete, andando sobre as águas. No versículo onze, duas vozes, que são também a voz de Cristo — a de Abrão e a de Paulo —, se levantam para testemunhar. No versículo doze, a história do selamento do povo de Deus é representada, pois os cento e quarenta e quatro mil são virgens, e as virgens experimentam a parábola das dez virgens, e a bênção no versículo doze recai sobre os que esperam. Os que esperam na parábola, e que são "abençoados", são os que recebem a veste que lhes permite entrar nas bodas, quando a porta é fechada.

No versículo sete, Jesus está andando sobre as águas, o que produz temor, mas Pedro resolve crer e começa a andar e a dar glória a Deus; contudo, Pedro é frequentemente um símbolo de ambas as classes, e a glória retorna ao temor, quando chegou a sua hora de juízo. O primeiro período

localizado no versículo sete representa a mensagem do primeiro anjo. Jesus está sobre as águas, um símbolo do temor e do primeiro anjo. Em seguida, Jesus identifica um período em que Ele glorificará o Seu povo antes do juízo da lei dominical. Todos os três elementos dos três anjos estão no versículo sete, pois o versículo sete é o primeiro de três versículos que representam os três anjos.

O versículo onze apresenta uma “duplicação” com seu testemunho ômega às vozes alfa de Abrão e Paulo. Suas vozes “duplicadas” se unem para apresentar a profecia de tempo da aliança, e o versículo onze cumpre a profecia como o ômega, ao identificar o período profético que se conclui com a queda de Babilônia em 1798 e, assim, tipifica a queda de Babilônia quando Miguel se levantar nos últimos dias. No versículo onze temos uma duplicação de profetas, e um período que representa duas quedas de Babilônia, representando, portanto, a mensagem do segundo anjo que anunciou: “Caiu, caiu Babilônia.”

O versículo sete é a mensagem do primeiro anjo, e o versículo onze é a mensagem do segundo anjo, e o versículo doze, que é Daniel 12*12 ou Daniel 144, trata da distinção entre os sábios e os tolos, que se realiza no processo de juízo que culmina com a manifestação do caráter na crise do juízo. O versículo doze é a mensagem do terceiro anjo, identificando como o mundo é dividido em duas classes, e a contraparte da representação externa dessa mesma divisão pelo terceiro anjo é a divisão interna do terceiro anjo, representada no versículo doze. Os versículos sete, onze e doze são a mensagem dos três anjos, e esses versículos são a luz que é deslacrada nos últimos dias. O deslacrar desses três versículos nos últimos dias se alinha com o capítulo dez de Apocalipse.

Cristo, como o poderoso anjo, bem como o Leão da tribo de Judá no capítulo dez, bradou como um "leão", e seu rugido produziu sete trovões que foram selados, assim como o capítulo dez de Daniel. São passagens paralelas. Por essa razão, os três períodos no capítulo doze também são os sete trovões de Apocalipse dez.

Os "sete trovões" são simplesmente outra expressão de Cristo como Alfa e Ômega, pois o simbolismo principal dos "sete trovões" é que representa uma "delineação de eventos" que ocorreu de 1798 até 1844 e que se repete em "eventos futuros" que "serão revelados em sua ordem" na história dos cento e quarenta e quatro mil. Os "sete trovões" são, portanto, um símbolo de Alfa e Ômega, que é também o princípio e o fim; o primeiro e o último, o fundamento e o templo; a pedra angular e a pedra de coroamento - os sete trovões.

A luz dos três períodos simbólicos em Daniel 12 deve alinhar-se com a luz dos sete trovões, pois são a mesma linha profética. No primeiro período, Cristo ergue ambas as mãos ao céu, como o faz com uma mão em Apocalipse 10. Em Apocalipse 10, sua mão torna-se o símbolo do fim da aplicação do tempo profético, marcando a transição de períodos de tempo profético para simplesmente períodos proféticos. Essa transição da principal regra profética empregada pelos mileritas foi tipificada pela grande transição do literal para o espiritual no tempo de Cristo.

O apóstolo Paulo foi levantado para estabelecer a principal regra profética ligada à linha profética de um povo escolhido. No próprio início de Israel espiritual, estabeleceu-se uma regra profética principal que redefine a própria Aliança. A partir de então, ser filho de Abraão significava sê-lo

pela fé, e não pelo sangue. Esse princípio profético foi estabelecido principalmente pela pena de Paulo, que, nesse sentido, tipificou a Cristo no capítulo dez do Apocalipse, mudando e pondo fim à aplicação profética do tempo em 1844.

A aliança com a humanidade é representada pelo arco-íris, e a Arca de Noé representa um período de tempo, antes e depois do dilúvio, quando não havia um povo escolhido claramente identificado. O chamado de Abraão representou uma grande e significativa mudança na relação profética de Deus com a humanidade. A aliança feita com Abraão representou uma grande mudança no curso da história das alianças e, ao fazê-lo, tipificou a grande mudança do literal para o espiritual nos dias de Paulo, e da aplicação temporal para a ausência de aplicação temporal em 1844.

O primeiro deslocamento na aliança de Deus com a humanidade foi o Jardim, e a mudança marcante consistiu nas restrições relativas à árvore da vida; isso também produziu uma mudança de vestimenta, da luz espiritual para pele de cordeiro literal. A próxima grande mudança na história da aliança é o dilúvio, que Noé representa, assim como Adão na primeira grande mudança de aliança. Depois, a mudança para um povo escolhido com Abrão levou a Moisés, que introduz os princípios proféticos de que um dia representa um ano. Esse princípio é válido até 1844, quando houve outra grande mudança de aliança. Nas grandes épocas da história da aliança, há sempre uma grande mudança em um princípio da Palavra profética de Deus. Essa mudança durante a história dos cento e quarenta e quatro mil é a de que Alfa Ômega é a Verdade. Alfa e Ômega é o princípio de que o fim é sempre ilustrado pelo começo na Palavra de Deus. Arelada a esse princípio de alfa e ômega está a estrutura tríplice da palavra hebraica "verdade".

A grande mudança profética durante a história do remanescente é diretamente representada em cada uma das principais histórias das alianças, e assim também em outras linhas de verdade. A “chave” que é colocada sobre Eliakim em Isaías 22:22 é a mesma chave dada a Pedro em Panium em Mateus dezesseis. Essa chave é dada à igreja de Filadélfia, e foi a William Miller que foi dada a chave que lhe permitiu conectar-se com o próprio princípio de um dia por um ano que havia sido registrado por Moisés durante a história de Moisés, a qual tipificava a história dos milleritas. A conexão de Miller com a profecia de Moisés foi representada pela conexão de Paulo com a profecia de Abrão. E por que Miller não deveria conectar-se com Moisés, se a salvação de Moisés em uma arca tinha se ligado à salvação de Noé em uma arca, a fim de unir ambas as alianças. As mudanças de aplicação profética que começam no Éden indicam que uma grande revelação de luz profética é identificada na história do povo da aliança final — os cento e quarenta e quatro mil. Sustento que a grande mudança profética é representada pelos sete trovões, que estão diretamente conectados com os três períodos em Daniel capítulo doze, e estes só são reconhecidos quando se aplicam os princípios de alfa e ômega numa aplicação de linha sobre linha que se apoia na estrutura de três etapas da verdade.

Nos versículos que imediatamente precedem o anúncio de que "não haverá mais tempo", Cristo apresentou os sete trovões, os quais, assim como as verdades de Daniel doze, foram selados. O contexto para o homem vestido de linho, erguendo ambas as mãos, no capítulo doze, é a abertura do livro de Daniel, e o contexto para Cristo, o Leão, em Apocalipse dez, é o selamento dos sete trovões. A irmã White relaciona o selamento dos sete trovões com o selamento do livro de Daniel.

“Depois que estes sete trovões fizeram soar as suas vozes, vem a João, assim como a Daniel, a ordem com respeito ao livrinho: ‘Sela as coisas que os sete trovões falaram.’ Estas se referem a acontecimentos futuros que serão revelados na devida ordem.” The Seventh-day Adventist Bible Commentary, volume 7, 971.

Os sete trovões são definidos por Apocalipse 10 e pelo Espírito de Profecia e pela história dos mileritas de 1840 até 1844, a qual se repete na história dos cento e quarenta e quatro mil. Na mesma passagem, afirma-se: "A luz especial dada a João, que foi expressa nos sete trovões, era uma delineação de eventos que ocorreriam sob as mensagens do primeiro e do segundo anjos. Não era conveniente que o povo soubesse dessas coisas, pois era necessário que sua fé fosse provada. Na ordem de Deus, as mais maravilhosas e avançadas verdades seriam proclamadas." Os mileritas não entendiam que seriam confrontados com dois desapontamentos, pois sua falta de compreensão foi destinada a testá-los. Os mileritas não suspeitavam de quaisquer "verdades avançadas", ou seja, não esperavam quaisquer "grandes mudanças proféticas" na história da aliança.

Embora não fosse o melhor para o povo milerita saber essas coisas, os cento e quarenta e quatro mil são testados com a mesma história, mas não por entenderem mal, inocentemente, a história, e sim por não entenderem uma história que são obrigados a conhecer. É a mesma prova, só que invertida. João, em Apocalipse dez, representa antes de tudo os cento e quarenta e quatro mil e, apenas em segundo lugar, o movimento milerita dos anjos primeiro e segundo. Isso se reconhece quando se vê João ser informado de antemão de que, ao comer o livrinho, aquilo seria doce e depois amargo. Não era o melhor para os mileritas saberem o que isso significava, mas João representa um povo que sabe de antemão o que sucedeu quando os mileritas comeram o livrinho.

E fui ao anjo e disse-lhe: Dá-me o livrinho. E ele me disse: Toma-o e devora-o; ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel. Tomei o livrinho da mão do anjo e devorei-o; e na minha boca era doce como mel; e, logo que o comi, o meu ventre ficou amargo. Apocalipse 10:9, 10.

João é avisado antecipadamente sobre a experiência agridoce de 1840 a 1844, a história representada no capítulo dez. Essa experiência, representada tão claramente nos versículos nove e dez, também é nitidamente identificada nos versículos dois a quatro.

E tinha na mão um livrinho aberto; e pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra, e bradou em alta voz, como ruge um leão; e, quando bradou, sete trovões fizeram ouvir as suas vozes. E, quando os sete trovões fizeram ouvir as suas vozes, eu ia escrever; mas ouvi uma voz do céu que me dizia: Sela o que os sete trovões disseram, e não o escrevas. Apocalipse 10:2-4.

Os "sete trovões" representam "um delineamento dos eventos" que ocorreriam sob os dois primeiros anjos e também "eventos futuros que serão revelados em sua ordem". Os "sete trovões" representam a verdade de que a história dos mileritas se repete na história dos cento e quarenta e quatro mil, e as verdades cujos selos foram abertos no tempo do fim, em 1798 e em diante, representam um desvelamento da verdade nos últimos dias do povo de Deus. Jesus em Apocalipse dez está em harmonia com Jesus em Daniel doze. Em ambas as passagens, o selamento e a abertura de verdades de prova nos últimos dias são apresentados.

Alguns poderiam argumentar que Jesus está falando no versículo sete, mas que Gabriel está falando com Daniel nos versículos onze e doze; porém, também se pode entender que Jesus está falando nas três passagens. De qualquer lado da questão, é a voz de Cristo que fala por meio de Daniel, e os três períodos proféticos do capítulo doze são as palavras de Cristo, e Ele apresenta os três períodos na estrutura da verdade. Todos os três períodos estão selados, fazendo deles um único símbolo tríplice.

O versículo sete trata da conclusão das maravilhas, identificando a obra final de Cristo no Lugar Santíssimo, quando Ele apaga os pecados dos cento e quarenta e quatro mil e os sela. O primeiro versículo identifica as 'maravilhas', e o último dos três versículos também identifica as 'maravilhas' como sendo aqueles que são bem-aventurados por esperar e experimentar uma primeira decepção. O período no meio identifica a rebelião da humanidade durante a crise da lei dominical, ao mesmo tempo em que identifica o período que conduz à lei dominical como um período de preparação para os cento e quarenta e quatro mil. Todos os versículos estão identificando diretamente 'o que acontecerá' ao povo de Daniel 'nos últimos dias'. Todos os três versículos tratam do tema da purificação dos cento e quarenta e quatro mil. O primeiro período se alinha com o terceiro, e o período intermediário representa a rebelião de todo o mundo à medida que marcham para Armagedom.

Se esses três períodos também são os sete trovões, então os três versículos devem identificar "eventos futuros, que serão [revelados] em sua ordem", e esses "eventos futuros" se alinhariam com a "delineação dos eventos que ocorreram sob o primeiro e o segundo anjo", de 1840 a 1844. Há várias verdades que este movimento tem aceitado e que são nitidamente diferentes da compreensão pioneira, ainda assim todas essas verdades estão de acordo com a compreensão pioneira. Houve uma grande mudança profética desde os mileritas até agora. O princípio dia por ano é o exemplo clássico, mas há outros. Um exemplo de uma grande mudança profética está representado em conexão com os sete trovões.

Depois que João foi informado no último versículo do capítulo dez de que deveria profetizar novamente, enfatizando assim que a história do capítulo dez representava tanto o movimento dos mileritas quanto os cento e quarenta e quatro mil, foi-lhe dada uma vara para medir o templo, mas lhe foi dito que deixasse de fora o átrio.

E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e o anjo apresentou-se, dizendo: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. Mas deixa de fora o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado aos gentios; e eles calçarão aos pés a cidade santa por quarenta e dois meses. Apocalipse 11:1, 2.

Ao medir o templo no período pós-1844, João é instruído a deixar de fora os gentios, que são representados como o átrio. Essa ilustração, em 1844, indicava que Deus acabara de escolher uma noiva da nova aliança, e então foi feita uma distinção entre Sua noiva e o átrio. A Irmã White é clara ao afirmar que o átrio representa os gentios e que o templo é o povo escolhido de Deus; basta ler o capítulo O Átrio Exterior, em O Desejo das Idades.

João está ilustrando os mileritas, que tinham acabado de se tornar o povo escolhido de Deus em 1844. Foi feita uma distinção entre os mileritas, que tinham acabado de experimentar a mensagem doce-amarga, e o resto do mundo cristão professante, representado como gentios.

O alicerce foi lançado desde 1840 até a primeira decepção, e o templo foi concluído durante a proclamação do Clamor da Meia-Noite. Então veio a Grande Decepção e é dito a João que se levante e meça, mas deixe de fora os gentios. João está ilustrando a abertura do juízo e, por essa razão, a inspiração aplica a medição de João nos versículos como o símbolo do juízo investigativo. O que acabamos de expor sobre João como um símbolo de medição está de acordo com o entendimento adventista típico, mas, neste movimento, houve uma mudança significativa na compreensão do símbolo.

De acordo com o entendimento milerita, chegamos a ver que, dentro da história dos mileritas, tal como representada por João no capítulo dez, havia também uma predição de um movimento paralelo que se tornaria os cento e quarenta e quatro mil. Reconhecemos que, se tomássemos as medidas da história milerita e deixássemos de fora o tempo dos gentios, poderíamos ver o próprio templo que João estava medindo.

Chegamos a ver uma profecia de tempo de 2520 anos terminando em 1798 e a outra em 1844, revelando assim um período de quarenta e seis anos durante o qual Cristo construiu o templo milerita. João identificou o átrio como sendo os gentios, e existe um "tempos dos gentios" profético.

E cairão ao fio da espada, e serão levados cativos para todas as nações; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se cumpram. Lucas 21:24.

A expressão "tempos" dos gentios está no plural e representa os dois períodos em que tanto o Israel literal quanto o espiritual foram calcados aos pés. A última das duas ocasiões em que foram calcados aos pés — primeiro pelo paganismo e depois pelo papismo — terminou em 1798. Apesar do que se alegue, os "tempos dos gentios" terminaram em 1798, com a chegada do primeiro anjo. João devia começar a medir em 1798, e nada antes disso. Ele foi colocado na história de 1844; assim, deixar de fora o período que terminou em 1798 era deixar de fora o átrio e, ao fazê-lo, revelam-se os quarenta e seis anos durante os quais o templo milerita foi erguido pelo Mensageiro da Aliança. Muitas verdades associadas derivam dessa aplicação, mas estou simplesmente usando isto como um exemplo de luz que é diferente da compreensão dos pioneiros, porém é uma luz que não contradiz as verdades originais, embora já não aplique tempo.

Aquela verdade específica foi reconhecida antes de 11 de setembro, mas foi realmente estabelecida profundamente no pós-11 de setembro. A verdade sobre João medir o templo não pode ser separada dos sete trovões, pois é exatamente a mesma passagem. Há uma verdade sobre a aplicação dos sete trovões que ficou selada até o período em que as "maravilhas" do capítulo doze de Daniel se cumprem. A aplicação dos "sete trovões" que foi desselada após julho de 2023 alinha-se perfeitamente, ou melhor, complementa os três versículos de Daniel doze de maneira profunda.

A Irmã White emprega a palavra “complemento”, não a palavra “elogio”, para descrever a relação entre os livros de Daniel e Apocalipse. Complemento, que significa “levar à perfeição”, é o que os dois livros proféticos fazem um pelo outro. Os sete trovões, quando forem desselados no capítulo doze de Daniel, após julho de 2023, levam à perfeição a mensagem ali contida. O que abre os sete trovões é o princípio de alfa e ômega em conjunção com a estrutura da verdade.

Os "tempos" dos gentios foram cumpridos em 1798 e representam dois períodos de 1260 anos, quando o paganismo e depois o papado pisotearam o santuário e o exército. Ao medir o templo, devemos deixar de fora o átrio, e o átrio se estende até 1798; mas, após 1844, não há mais tempo. Hoje, os 1260 anos simplesmente representam um período de tempo que identifica a distinção entre o templo e o átrio. Por essa razão, de 18 de julho de 2020 até julho de 2023, o pisoteamento foi levado a cabo. Medir o templo hoje, em conjunto com os sete trovões que representam um delineamento de eventos que ocorreram sob as mensagens do primeiro e do segundo anjo, é a obra atribuída a João. "Nossa grande obra" é "combinar" as mensagens dos três anjos, identificando assim uma obra profética que não havia sido feita na história anterior da aliança, e que ainda hoje é muito raramente realizada. Quando deixamos de fora o átrio que representa os tempos dos gentios, estamos deixando de fora os 1260 anos de perseguição papal que terminaram no tempo do fim, em 1798.

O templo que foi erigido ao longo de quarenta e seis anos na história milerita identifica um templo que é erigido a partir de julho de 2023, até pouco antes da lei dominical. Essa história é o período dos sete trovões "eventos futuros", que "serão", não que talvez sejam, "revelados em sua ordem".

Quando combinamos a história do primeiro anjo com a do segundo, vemos que a história começa com um desapontamento alfa e termina com um desapontamento ômega. Quando alinhamos os marcos proféticos na história do primeiro anjo, de 1840 até 19 de abril de 1844, com os marcos do segundo anjo, que chegou naquela ocasião e continuou até a chegada do terceiro em 22 de outubro de 1844 — temos dois períodos, ambos se iniciando e se encerrando com a chegada de um anjo. A história do primeiro até o segundo ilustra a história do segundo até o terceiro.

Um testemunho profético de que esta é uma aplicação válida encontra-se no alfa e ômega da aplicação. Duas linhas paralelas aplicadas em conjunto, e o início e o fim de ambas as linhas, identificam a chegada de um anjo. Então, quando são combinadas linha sobre linha em uma só linha, o início marca a primeira decepção e o fim marca a grande decepção. Uma prova adicional encontra-se nos princípios de alfa e ômega, que identificam o fim como maior do que o início. Uma decepção alfa que termina com a grande decepção ômega identifica os elementos menor e maior de alfa e ômega.

Quando começamos em 19 de abril de 1844 (a chegada do segundo anjo que leva à chegada do terceiro em 22 de outubro de 1844); e então também começamos a segunda linha em 11 de agosto de 1840, que termina em 19 de abril de 1844, constatamos que o desapontamento de 19 de abril de 1844 é tanto o alfa quanto o ômega da linha profética resultante da combinação das linhas proféticas do primeiro e do segundo anjo.

No fim do período, tem-se o terceiro anjo chegando junto com o segundo anjo, assim tipificando o 11 de setembro e as duas vozes do anjo poderoso de Apocalipse 18. As duas vozes são tanto a mensagem do segundo quanto a do terceiro anjo, e esses dois anjos tocaram-se em 22 de outubro de 1844, e voltam a se encontrar quando as duas histórias são reunidas linha sobre linha. Reunidas dessa forma, elas representam a história do primeiro desapontamento até o Grande Desapontamento, e o marco no meio dessa história, no tempo dos mileritas, foi o encontro campal de Exeter, onde duas classes de adoradores se manifestaram, representando a rebelião das virgens néscias na parábola, e identificando o marco intermediário como rebelião.

Os sete trovões representam a história das mensagens do primeiro e do segundo anjo, combinadas, linha sobre linha, o que então identifica uma história desde o primeiro desapontamento até o grande desapontamento, na história dos cento e quarenta e quatro mil. A compreensão do que essa história representa profeticamente corresponde exatamente à mensagem representada em Daniel doze como estando selada até o tempo do fim.

Continuaremos este estudo no próximo artigo, mas deixarei a parte da última visão de Daniel que trata apenas da ilustração que Daniel faz do povo de Deus nos últimos dias. Observe, no contexto da regra da primeira menção, que no versículo um Daniel está num grupo que entende a visão. A primeira coisa mencionada na visão é uma ilustração de Daniel como um dos sábios que entendem, e os últimos nove versículos tratam todos dos sábios que entendem no vigésimo segundo dia.

No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma mensagem a Daniel, cujo nome era Beltessazar; e a mensagem era verdadeira, mas o tempo determinado era longo; e ele entendeu a mensagem e teve entendimento da visão.

Naqueles dias, eu, Daniel, estava de luto por três semanas completas. Não comi pão agradável; nem carne nem vinho entraram na minha boca; nem me ungi de modo algum, até que se cumpriram três semanas completas. E, no vigésimo quarto dia do primeiro mês, quando eu estava à margem do grande rio, que é Hiddekel; então levantei os olhos e olhei, e eis que

Um certo homem vestido de linho, cujos lombos estavam cingidos com ouro fino de Uphaz: seu corpo também era como o berilo, e seu rosto como o aspecto do relâmpago, e seus olhos como lâmpadas de fogo, e seus braços e seus pés, semelhantes em cor ao bronze polido, e a voz de suas palavras como a voz de uma multidão.

E eu, Daniel, fui o único que vi a visão; porque os homens que estavam comigo não viram a visão; mas caiu sobre eles grande tremor, de modo que fugiram para se esconder. Assim, fiquei sozinho e vi esta grande visão, e não restou em mim força alguma; pois a minha aparência se desfigurou em mim, e não retive força alguma.

Ainda assim, ouvi a voz das suas palavras; e, quando ouvi a voz das suas palavras, caí em sono profundo, prostrado, com o rosto em terra. E eis que uma mão me tocou e me pôs de joelhos e com as palmas das mãos no chão. E ele me disse,

Ó Daniel, homem muito amado, entende as palavras que te falo e põe-te de pé, pois agora fui enviado a ti.

E, quando ele me falou esta palavra, fiquei em pé, tremendo. Então ele me disse,

Não temas, Daniel; porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração para entender e para te humilhares diante do teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras, e eu vim por causa das tuas palavras. Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos principais príncipes, veio ajudar-me; e eu permaneci ali com os reis da Pérsia.

Agora vim para te fazer compreender o que sucederá ao teu povo nos últimos dias; porque ainda a visão é para muitos dias.

E, quando ele me falou tais palavras, pus o meu rosto em terra e emudeci. E eis que um como a semelhança dos filhos dos homens tocou-me os lábios; então abri a boca, falei e disse àquele que estava diante de mim,

Ó meu senhor, por causa da visão, as minhas aflições me sobrevieram e não me restou força alguma. Pois como poderá o servo deste meu senhor falar com este meu senhor?

pois, quanto a mim, imediatamente não restou força em mim, nem ficou fôlego em mim. Então tornou a vir e tocou-me um semelhante à aparência de homem, e fortaleceu-me, e disse,

Ó homem mui amado, não temas; paz seja contigo; sê forte, sim, sê forte. E, falando ele comigo, fui fortalecido e disse: Fale o meu senhor, pois me fortaleceste. ...

Mas tu, ó Daniel, encerra as palavras e sela o livro até o tempo do fim; muitos correrão de um lado para outro, e o conhecimento se multiplicará.

Então eu, Daniel, olhei, e eis que estavam ali outros dois, um deste lado da margem do rio, e o outro do outro lado da margem do rio. E um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Até quando será o fim destas maravilhas?

E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a sua mão direita e a sua mão esquerda ao céu, e jurou por aquele que vive para sempre que será por um tempo, tempos e metade de um tempo; e quando tiver terminado de quebrantar o poder do povo santo, todas estas coisas se cumprirão.

E eu ouvi, mas não entendi; então disse eu: Ó meu Senhor, qual será o fim destas coisas?

E ele disse: Segue o teu caminho, Daniel; pois as palavras estão encerradas e seladas até o tempo do fim. Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os ímpios continuarão a agir com maldade; e nenhum dos ímpios compreenderá; mas os sábios compreenderão.

E desde o tempo em que o sacrificio diário for tirado, e a abominação que causa desolação for estabelecida, haverá mil duzentos e noventa dias.

Bem-aventurado aquele que espera e chega aos mil trezentos e trinta e cinco dias.

Mas tu, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e estarás na tua sorte no fim dos dias.
Daniel 10:1-18; 12:4-13.